

Textos

Gomercindo dos Reis

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 24/01/1926

Título : PONTA GROSSA

Categoria: Poesia

Minha presada Isidora
Sua carta aqui já está,
Dizendo que se demora
No Estado do Paraná.

Pelo que vejo a senhora
Anda elevada por lá,
Que não liga mais agora
Os que ficaram por cá...

More aqui ou more lá,
Toda a terra onde se possa
Viver feliz, não é má!

Sei que a senhora remoça
Quando está no Paraná:
Só gosta de Ponta Grossa...

(Gazeta nº 48, de 24-01-26.)

Data : 18/08/1929

Título : Por que vivo acabrunhado?

Categoria: Poesia

Descrição: Por que vivo acabrunhado? Pois vou dizer-te, mulher.

Por que vivo acabrunhado?
Pois vou dizer-te, mulher.
Tu tens dado passo errado...
Compreendas como quizer...

- Não sei, velhinho, porque
Me julgas assim tão má.
Não sejas ingrato, velho...
Digas-me... Digas-me o que há?

-Pois vou dizer-te: Eu soffro
Como já soffreu Jesus
E enquanto tu não comprares
No armazem Vera Cruz,
Eu viverei na piranga...
Sem poder pagar a luz.

Ouças bem o que te digo
Como esposo e como amigo:
Tudo que sinto já expuz

E p'ra que tenhas sapatos

Compre generos baratos

No ARMAZEM VERA CRUZ. (A Tribuna Gaúcha nº 44, de 18-08-29.)

Data : 25/08/1929

Título : Quem duvida?

Categoria: Poesia

Descrição: P ra casar a minha filha Eu fiz doce em profusão.

Quem duvida?

P'ra casar a minha filha

Eu fiz doce em profusão.

Cocos, ovos e manteiga,

Producto novo e bem são.

Te juro por esta luz...

Comprei todo o necessário,

Não achando nada caro,

No Armazem VERA CRUZ. (A Tribuna Gaúcha nº 45, de 25-08-29.)

Data : 08/11/1936

Título : Passo Fundo

Categoria: Poesia

Descrição: Passo Fundo, Passo Fundo, Tem Jesus a nos guiar, ...

Passo Fundo

Passo Fundo, Passo Fundo,
Tem Jesus a nos guiar,
Tem estrelas cintilantes,
Tem noites de almo luar.

Passo Fundo, Passo Fundo,
Tem loiras e tem morenas,
Lindas mulheres que matam
As minhas mágoas e penas...

Passo Fundo, Passo Fundo,
Não precisa ter roseiras:
Há uma rosa em cada face
Das mocinhas feiticeiras.

Passo Fundo, Passo Fundo,
Tem por arma o guamirim,
A espada, cavalo e lança,
Tem heróis, na luta, enfim!

Passo Fundo, Passo Fundo,
Foi sitiado em vinte e três:
Cuidado, que os maragato
Querem cercá-lo outra vez...

Passo Fundo, Passo Fundo,
Já cumpriu o seu mister,
- Tendo Prestes Guimarães,
- Tendo Antonino Xavier!!!

8/11/936

Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 10/06/1938

Título : Carapuça

Categoria: Poesia

Descrição: Tenho medo até de sombra, Me apavora o lobisomem, ...

Carapuça

Tenho medo até de sombra,
Me apavora o lobisomem,
Tudo no Mundo me assombra,
Menos o “bufo” dum Homem!

Tenho horror duma peleia,
Tudo eu temo neste Mundo,
Só não temo é cara feia
Porque sou de Passo Fundo!

De dia ou de noite escura
Ando sozinho – sou Homem!
Não me assusta essa figura
Semelhante ao lobisomem!

Não faz mal seu safardana
Pode andar me hostilizando!
Quando passa a caravana
Também ficam cães ladrando!

Passo Fundo, 10/6/938

Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 10/06/1938

Título : Vulcão da Serra

Categoria: Poesia

Descrição: Na gloriosa Passo Fundo Há brasileiro de ação, ...

Vulcão da Serra

Ao meu prezado amigo Francisco de Lima Morsch

Na gloriosa Passo Fundo
Há brasileiro de ação,
Que briga no campo raso
E briga também de avião.

Na gloriosa Passo Fundo.
Que é berço de rebelião,
Há brasileiro que corta
Metralhadora a facção.

Na gloriosa Passo Fundo
Nesta terra, neste chão,
Há Maragato que entra
Pela boca de um canhão!

Na gloriosa Passo Fundo,
Na cidade e no sertão,

Há fogueira n`alma humana
como chamas num vulcão!!!

Outro poema em que exalta a coragem dos passo-fundenses chama-se Vulcão da Serra. Por isso, mesmo sem dada de escrita e publicação, foi disposto ao lado do poema acima. O original, no terceiro verso da segunda estrofe consta “investe”, que o poeta, de próprio punho, substituiu por “entra”.

Paulo Monteiro (*)

(*) Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 18/12/1946

Título : O BEM-TE-VI E A CASCAVEL

Categoria: Artigos

Descrição: Como o leitor vê, o Coronel não morrera de veneno, ...

O BEM-TE-VI E A CASCAVEL

Faz seis anos que aconteceu um caso singular nos arredores desta cidade que muito tem preocupado aqueles que não acreditam em benzeduras contra picada de cobras, aranhas, etc.

Não pensem que vamos fazer pilhéria, pois, o caso é verídico e poderá ser confirmado por muita gente. Ei-lo:

Quando a Prefeitura necessitou adquirir uma área de terras para a projetada Escola Rural, o Coronel, numa dourada manhã de primavera, embrenhou-se na espessa mata de conhecida chácara do Dr. Rebelo Horta, afim de examiná-la. Como não pudesse afirmar se essa terra prestava para a agricultura, porque não entendia, resolveu pedir a opinião de um agregado, morador da dita propriedade. Era um caboclo pequeno, cor de bronze, olhos arredondados e negros, sem bigode e sem barba, porém, com vasta cabeleira que lhe ia até os ombros.

O caboclo era respeitado na redondeza como profeta, curandeiro, enfim era tido e havido como sabichão... Era tão “escolado” que, apesar de morar num rancho

em ruínas, tinha o retrato de Getúlio Vargas na parede e estava completamente identificado com a gente do Estado Novo...

O Coronel gostou do caboclo, seu irmão de raça, como costumava dizer... E saíram os dois pari passu, pela mata adentro...

O caboclo caminhava e apontava com o dedo, dizendo: “ali produz trigo admiravelmente; Lá, se pode fazer uma grande plantação de milho e outros cereais; naquele recanto, abrigado dos ventos, dá uma linda plantação de árvores frutíferas”.

Enfim, esta terra é maravilhosa! Em se plantando tudo dá...”

Ouvindo esta, olhou o caboclo de soslaio e soltou uma risadinha gozada...

Embrenhado na mata virgem, às 10 horas de uma risonha manhã de primavera, o Coronel, às vezes ficava imerso, ouvindo a passarada...

Eram juritis que soltavam soluços plangentes, à sombra de frondosas árvores; os sabiás quebrando o ermo da mata, com seus cânticos melancólicos...

As cigarras faziam ouvir as primeiras cantigas, prenunciando a vinda de um sol abrasador. As nossas matas não possuem somente pássaros de voz plangente, melancólica. Há, também, pássaros pilhéricos, que comprometem muita gente, quando imitam a voz humana...

Foi justamente o que aconteceu, quando o Coronel estava à sombra de uma árvore, distraído, contemplando a natureza... Em dado momento, logo acima de sua cabeça, ouviu o canto estridente de um pássaro provocante, que feriu os seus ouvidos: BEM TE VI!

Irritado com a provocação de avesita que espiava de cabeça torta, proferiu estas palavras: “Tu não vês coisa alguma, passarinho tolo! Eu, sim, vejo o futuro risonho do Estado Novo... Estás, também, implicando comigo?”

Como a avesita continuasse a repetir: BEM-TE-VI! BEM-TE-VI! O “herói” resolveu dar o fora...

De regresso, quando atravessava um pequeno riacho, pulando por cima de uma árvore podre, foi mordido por uma cascavel, na perna esquerda, pouco acima do tornozelo...

Sentindo-se picado pela serpente venenosa, o Coronel “botou” a “boca no Mundo”, pedindo socorro: queria ambulância, com toda a urgência...

O caboclo, porém, hábil curador de mordedura de cobra, não viu nenhum perigo. Benzeu, com a maior naturalidade, a perna do Coronel, depois colocou em cima da cisura, umas ervinhas e garantiu a cura...

Em seguida procurou o réptil para matar, mas teve uma grande surpresa: encontrou a cascavel completamente morta, “mortinha da silva”...

O Coronel constatara que o perigoso animal estava sem vida, expressando-se, leitor, desta maneira, apontando o dedo: –“Conhecente, cobrinha!”

Contou-nos o caboclo, mais tarde, que o Coronel tem, no corpo, um veneno terrível, fulminante, pior que o veneno da estranha cobra voadora, chamada Jequetiranobóia...

Como o leitor vê, o Coronel não morrerá de veneno, assim como também não morrerá de acidente! Para justificar o que afirmamos, basta dizer que no dia 13 de agosto de 1946, o automóvel “914” caiu num abismo perto de Vila Maria, dando cinco cambalhotas, tendo o Coronel saído ileso, sorridente, de óculos nos olhos e charuto Havana na boca...

(Publicado n`O Nacional de 18/12/1946 e no livro
Defendendo a Verdade, páginas 18 a 21)

Data : 13/09/1948

Título : Passo Fundo de outrora

Categoria: Poesia

Descrição: ...primeiro, de 1948, canta a Passo Fundo de antigamente;

Passo Fundo de outrora

Ao ilustre historiador patricio e amigo, Sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira

Quanta beleza que havia
Naquele romper de aurora,
Cheio de encanto e poesia
Da Passo Fundo de outrora!

Quando me vinha um bafejo
Da primavera ou verão,
Sempre se ouvia um realejo
No meu velho Boqueirão!...

Na Passo Fundo adorada,
De uma esperança infinita,
Minha sorte era tirada
No bico da caturrita...

Como minha alma sonhava,
Pelas estradas sem fim,
Quando a guitarra tocava
Nos ranchinhos de capim!

No alegre florir dos anos
Da Passo Fundo de outrora,
Não havia os desenganos,
Nem as tristezas de agora.

Tinha minha alma enlevada
No violão de algum cantor,
Quando ouvia uma alvorada,
Belas cantigas de amor...

Naquela vila poética,
Das florestas e dos campos,
Não havia luz elétrica:
Tinha a luz dos pirilampos.

Quanta beleza que havia
Naquele romper da Aurora,
Cheio de encanto e poesia
Da Passo Fundo de outrora!...

Passo Fundo 13-9-1948

Transcrevo a seguir dois poemas de Gomercindo dos Reis. No primeiro, de 1948, canta a Passo Fundo de antigamente; no segundo, de 1951, a Passo Fundo que ele imaginava para o futuro. Ei-los: Passo Fundo de outrora e Passo Fundo de amanhã

Paulo Monteiro (*)

(*)Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 25/12/1951

Título : Passo Fundo de amanhã

Categoria: Poesia

Descrição: ...no segundo, de 1951, a Passo Fundo que ele imaginava para o futuro.

Passo Fundo de amanhã

AOS HABITANTES DA COMUNA

Para a frente habitantes da Comuna
Que a vitória há de surgir
Límpida, cristalina e retumbante,
No presente e no porvir.

Um povo em harmonia, unido e forte,
Dando exemplo singular,
Terá a força das “varas misteriosas”
Que ninguém pode quebrar.

Lutar pela grandeza da Comuna
Nos encanta e nos apraz;
O egoísmo, qual poeira das estradas,
Devem deixar para traz!

Na cidade, nas vilas e nos campos
Vê-se a firme diretriz
De um povo laborioso e progressista
Que a vitória nos prediz.

Se o trabalho nos honra e glorifica
Dedicaí-vos com afã,
Que tereis riqueza e paz na Comuna
Para os dias de amanhã.

Olhai com simpatia os ruralistas
Que, no inverno e no verão,
São heróis nas florestas e nos campos,
Nas lavouras do sertão!

Qual um facho de luz no Céu da Pátria
Contemplai nossos aviões
Que lá vão através das nuvens brancas,
Em diversas direções.
Nas fábricas, nos campos e hospitais
Podeis observar também
Milhares de operários e de médicos
Que trabalham para o Bem.

A gloriosa e lendária Passo Fundo
Tem as graças do Senhor;
Nos esportes, escolas e ginásios
Canta a mocidade em flor!

Para a frente habitantes da Comuna
Que a vitória há de surgir,
Límpida, cristalina e retumbante,
No presente e no porvir!...

Natal de 1951

Transcrevo a seguir dois poemas de Gomercindo dos Reis. No primeiro, de 1948, canta a Passo Fundo de antigamente; no segundo, de 1951, a Passo Fundo que ele imaginava para o futuro. Ei-los: Passo Fundo de outrora e Passo Fundo de amanhã

Paulo Monteiro (*)

(*)Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 05/01/1952

Título : O louco e o sem-vergonha

Categoria: Poesia

Descrição: É com prazer que registro A frase que li há pouco.

O louco e o sem-vergonha

GOMERCINDO DOS REIS, inmemoriam

Com as minhas homenagens ao Ministro Oliveira Lima, que, quando discursava no Tribunal de Contas, entre outras coisas, disse:

"A corja de aproveitadores e adesistas que cerca o Presidente, revolta-me o estômago."

É com prazer que registro

A frase que li há pouco.

Pelo que disse o Ministro,

Prova-se que não sou louco.

Tenho horror do miserável,

Do adesista e mais alguém;

Dessa corja abominável

De abutres que a Pátria tem!

O louco não é perverso;
Muito pior é o sem-vergonha.
Isso eu provo no meu verso,
Na minha musa risonha.

O louco diz o que sente,
Pois fala de peito aberto,
E o sem-vergonha nos mente,
Traz o veneno encoberto ...

O sem-vergonha é vilão
Que tem marca na picanha;
Mesmo que perca a eleição,
O Presidente ele ganha ...

O louco tem mais civismo,
Mais entusiasmo e lealdade;
O sem-vergonha é um abismo
Transbordando de maldade!

Os sem-vergonhas de agora
Comprometem homens sérios,
Pois vivem lambendo espora
No Palácio e Ministérios.

É por causa de uma praga
De sem-vergonha e servil,
Que um povo inteiro naufraga,
Desgraçando este Brasil! ..

5-1-1952

(Do livro "Jardim de Urtigas")

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 25/06/1952

Título : Meu Velho Boqueirão

Categoria: Poesia

Descrição: Dedicado aos habitantes do lendário Boqueirão, que foi a cidade primitiva, o berço de Passo Fundo.

Meu Velho Boqueirão

Dedicado aos habitantes do lendário Boqueirão, que foi a cidade primitiva, o berço de Passo Fundo.

Trago sempre na lembrança
Aqueles tempos de outrora,
Bem diferentes de agora,
Do meu velho Boqueirão;
Trago ainda na memória
Os versos que eu recitava
E as modinhas que cantava
Nas cordas do meu violão.

De uma morena me lembro,
Trago impresso na retina
Sua graça peregrina,
Seus encantos que senti;
Lembro ainda uma loirinha
De olhos azuis e bonita,
Tinha um vestido de chita

Que outro mais lindo, não vi!

Tudo agora é diferente,
Não vejo mais os pinheiros,
Já morreram os gaiteiros
Que à noite vinham cantar;
Não vejo a velha bailante,
Nem a luz dos pirilampos
Que vagueavam pelos campos,
Em noites de almo luar...

Esses encantos passaram
E o que vemos hoje em dia
É somente hipocrisia
De mulher – sem coração!
Por isso às vezes recordo
Os versos que eu recitava
E as modinhas que cantava
No meu velho Boqueirão!

Lembro-me bem da morena,
Quando morreu, era linda!
Mas a loira existe ainda,
Para o mundo ela sorri...
Não perdeu os seus encantos,
De olhos azuis e bonita,
Tinha um vestido de chita
Que outro mais lindo, não vi!

O Boqueirão está presente neste último poema, que foi recitado durante reunião do Grêmio Passo-Fundense de Letras em meados de junho de 1952, e publicada no Diário da Manhã de 25 daquele mês e ano.

Paulo Monteiro (*)

(*)Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 02/11/1952

Título : Bacanal no Cassino

Categoria: Poesia

Descrição: houve um sério quebra-cara no salão de danças do Cassino de Passo Fundo ...

Bacanal no Cassino

Por causa de duas mulheres rivais, uma chamada – Turca – e outra – Turquinha – houve um sério quebra-cara no salão de danças do Cassino de Passo Fundo

No Cassino a farra é grande
Lá dançam as Messalina,
Mulheres lindas, divina,
Coquetes que têm rival:
Champanha, música e flores,
Encanto, beleza e arte,
Cochichos por toda a parte,
Ciumeiras na bacanal...

Vê-se a Turca sorridente
Mais linda do que os amores,
Parece um jardim de flores
De formosa que ela é;
De olhos negros, fascinantes,
Envenena seus amantes
Nas danças do Cabaret!

E a Turquinha endiabrada,

Com ancas e lindos seis,
Quando dança faz meneios
No palco das bacanais;
Conhaque, champanha, uísque,
Vai e vem o diz-que-diz-que
Das duas turcas rivais...

Nessa noite forasteiro
Que dançava com a Turquinha
Por maus olhares que tinha,
Um conflito provocou:
Era um prefeito já bêbado
Que às quatro da madrugada
Saiu de cara estragada
Dos sopapos que levou...

Neste Brasil de Los Vargas
Já se vive em plena orgia,
Na grande cena se via
Grande afronta ao nosso povo.
Quem não vê que a camarilha
Pretende viver agora,
Como nos tempos de outrora,
Nas farras do Estado Novo!...

Iraí, outubro de 1952.

publicado no Diário da Manhã, a dois de novembro de 1952,

Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 30/10/1953

Título : Boqueirão

Categoria: Poesia

Descrição: Homenagem póstuma à memória de Prestes Guimarães e Joaquim Fagundes dos Reis.

Boqueirão!

Homenagem póstuma à memória de Prestes Guimarães e Joaquim Fagundes dos Reis. Dedicada, também, aos habitantes do poético Boqueirão, legítimos fundadores da cidade, pioneiros da emancipação política do município.

Disse Antonino Xavier,
Num dos livros que escreveu:
- Nos campos de Cabo Neve
Foi que a cidade nasceu –
Daquele sítio risonho
Para o nascente cresceu.

E agora o povo está vendo
Querem jogar na sarjeta
O velho pai centenário!
Mas trema o pulso, a caneta,
De quem pretender deixá-lo
A ossos de borboleta...

Neste recanto da Pátria
Vê-se um passado de glória,
Tem fundadores e filhos
Para se honrar a memória!
Seus nomes já são lembrados
Na voz do povo, na história.

Pioneiros do Boqueirão,

De hora em hora Deus melhora,
Deixai o tempo correr...
Que esses governos de agora
Hão de ver que há sucessores
Daqueles bravos de outrora!

Gente da terra lendária
Essa afronta clama aos Céus!
Faz tremer as catacumbas,
Tragam Prestes Guimarães,
Lança, espada e mais troféus!

De um raio de luz da autora
A Passo Fundo nasceu,
- Um lindo jardim de rosas
Que a natureza nos deu
Como a flor também se inclina,
Para o nascente pendeu!

Oh! Boqueirão da minha Alma!
Desse teu berço de amor,
Eu recordo as serenatas,
A viola, a gaita, o cantor,
As noites enluaradas,
E as pitangueiras em flor!

Vejo a carreta e cargueiros
Do gaúcho varonil,
Vejo a macega, o ranchinho,
Mais a chinoca gentil,
E ouço o berro de um touro
Nessa Avenida Brasil!

Da velha Matriz de outrora
Recordo em prantos e ais

O sino do Campanário,
- Preces, cantos divinais -
E os raios do sol doirando
A copa dos pinheirais!

Joaquim Fagundes dos Reis,
Já estão jogando labéus
No Boqueirão da minha Alma!
Revolvam os mausoléus,
Tragam Prestes Guimarães,
Lança, espada e mais troféus!

P. Fundo, 30-10-53

Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 28/08/1954

Título : Comício e Tiroteio

Categoria: Poesia

Descrição: “Vem tiroteio, foge, Reis, porque bala contra o povo não traz endereço certo...”

Comício e Tiroteio

Começaram as piadas dos últimos acontecimentos. A 24 do corrente houve um comício em frente à sede do P.T.B., em sinal de protesto pela morte do Sr. Getúlio Vargas. Um cavalheiro que lá se achava, como mero espectador, quando irrompeu um sério conflito, deu as de Vilas Diogo em direção à Praça. Topando-se comigo em frente à “Casa Sonora”, disse: “Vem tiroteio, foge, Reis, porque bala contra o povo não traz endereço certo...”

A morte do ex-presidente
Trouxe um protesto solene,
Foi tão sério e veemente
Que o povo ficou infrene.

Falou primeiro o Canfieldt,
E o caso tornou-se preto,
Exaltando a gente humilde
Falou Nei Menna Barreto.

Qual Gambeta do Rio Grande
Discursou o Daniel Dipp,
Se o nosso povo se expande,
Agüenta, agora, Felipe...

Já tristonho e meio bambo,
Quais em lágrimas e prantos,
Ouvimos Basílo Rambo,
Mais o Doutor César Santos.

Vi que a plebe Bagunceira
Já estava bem na genebra...
No final da discurseira
Começou - o quebra-quebra...

Houve grande estardalhaço
Contra o "Diário da Manhã",
Onde há touro há guampaço,
E a tentativa foi vã!...

Naquele instante se ouvia
Tumulto e gritos – de guerra!
Lá dentro do "Diário" havia
Dez touros cavando terra...

São deploráveis os fatos
Que esta noite se passaram,
Na sede dos Maragatos
Tudo o que havia quebraram.

Era gente amotinada
Nem mesmo o meu
Escritório escapou da tijolada,
Da sanha do zé-povório!

Como este povo bem viu
Ninguém deteve essas hordas,
Vitorino faz “bugiu”,
Depois me deixa nas “cordas”...

E o Partido Integralista
Também foi esbodegado,
Já tinha o couro na lista,
Desta vez ficou Salgado...

Com tiroteio de novo
Fui me afastando de perto,
Porque bala contra o povo
Não traz endereço certo...

P. Fundo, 28-8-1954

Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta,
de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 26/09/1954

Título : Canção do Centenário de Passo Fundo

Categoria: Poesia

Descrição: ...contribuiu para esse erro. Tentou corrigi-lo, alguns anos depois, mas o dano já estava causado...

Canção do Centenário de Passo Fundo

Poesia dedicada aos consagrados artistas Renato Murce e Eliana

Como é do nosso conhecimento, a 7 de agosto de 1957, o município vai comemorar o seu 1º centenário de emancipação política.

Conforme li nas obras o ilustre historiador passo-fundense, Sr. F. A. Xavier e Oliveira, a cidade nasceu para os lados do poente, nos campos de Cabo Neves.

Como a flor que procura o sol da manhã, virando a haste, a nossa encantadora cidade pendeu para o nascente

Para a frente Passo Fundo

Que a vitória há de surgir;

Teu primeiro centenário

Mostra glórias no porvir.

Nos campos de Cabo Neves

Foi que a cidade nasceu;

Daquele sítio risonho

Para o nascente pendeu.

Oh! Passo Fundo adorada!

Tens Jesus a nos guiar,

Tens estrelas cintilantes

E noites de almo luar!

Cm raios de luz da aurora

Passo Fundo floresceu,

É um lindo jardim de rosas

Que a natureza nos deu.

Tenho n`alma enlevada
No lago do rio Jacuí,
No luar que beija as águas
Da represa Capingüí!

Esta terra hospitaleira
É encanto de tantas almas,
Como é dadivosa e boa,
Seu povo merece palmas.

Naqueles campos floridos
Do planalto ela cresceu,
Como a flor também se inclina
Para o nascente pendeu!

Com raios de luz da aurora
Passo Fundo floresceu,
É um lindo jardim de rosas
Que a natureza nos deu!...

26-9-1954.

Quando se aproximava a data de emancipação de Passo Fundo, poeta publicou, em O Nacional de 23 de outubro de 1954, um poema alusivo à efeméride. Em epígrafe aos versos, vê-se que acreditava que a emancipação ocorrera a 7 de agosto de 1857. Evidente erro, naquela data aconteceu a instalação da Câmara Municipal. Ele mesmo, enquanto um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Passo Fundo contribuiu para esse erro. Tentou corrigi-lo, alguns anos depois, mas o dano já estava causado...

Paulo Monteiro (*)

(*) Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 07/04/1961

Título : ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS

Categoria: Acrósticos

Descrição: Avante, brasileiros, para a frente, Com os cursos primários, secundários,

ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS

ACRÓSTICO

Homenagem à Comuna, pela instalação, hoje, da Academia Passo-Fundense de Letras.

Avante, brasileiros, para a frente,
Com os cursos primários, secundários,
A instruir o forasteiro, e a nossa gente,
Dando Academia e grêmios literários!
Eleva, ó rio-grandense, a nossa terra,
Maravilhosa, aos píncaros da glória!
Invicta, vai além, na paz se aferra,
Átiva e já com as palmas da vitória!

Pára e contempla a nossa pátria, agora:
As Campinas, seriemas a cantar...
Seus ranchos, o tropeiro estrada afora,
Sua gloriosa Bandeira a tremular,
Os campos, os trigais, a lua da aurora!

Feliz do homem que tiver um dia,
Um trator, a mulher, o sol e a lua...
Não precisa falar na Academia,
Dizer a prosa, ou verso, que extenua.
Em defesa da pátria estremecida,

No comércio, na indústria, na pecuária,
Saberá lutar e vencer na vida,
Em Batalha gloriosa e voluntária!

Dá a tua alma, dá o teu peito varonil,
E avante, pelas glórias do Brasil!

Lutar e repelir o mau poder,
Esse que ao povo e à pátria causa danos,
Tratarás na tua memória até morrer!
Rui Barbosa já disse, há muitos anos:
A força do direito há de vencer
Sobre o direito da força dos tiranos!...
Gomercindo dos Reis
7-4-1961.

Data : 07/04/1961

Título : PRESIDENTE CELSO DA CUNHA FIORI

Categoria: Acrósticos

Descrição: Para lutar, subir, ser dos primeiros, Redigir Estatuto ou Catecismo,

PRESIDENTE CELSO DA CUNHA FIORI
ACRÓSTICO

Dedico ao presidente e demais confrades que elaboraram os Estatutos da
Academia Passo-Fundense de Letras.

Para lutar, subir, ser dos primeiros,
Redigir Estatuto ou Catecismo,
Em toda parte existem timoneiros,
Severos, sempre cheios de idealismo!

Irmanados, avante, brasileiros,
Dando exemplo de união e de civismo!
Eu vejo alguns dinâmicos pioneiros,
No leme, a dirigir, com heroísmo;
Tendo ainda pela frente alguns nevoeiros,
Estão desviando a barca de um abismo!

Cabe ao digno confrade, ao Presidente
Eleito, e a todos nós, da Academia,
Leva-la sempre avante, para a frente,
Sem faltar às sessões e ouvir um dia
O acadêmico falando a pouca gente...

Digno confrade e amigo hoje disperso,
Atende o meu apelo feito em versos:

Com fé, com esperança e persistência,
Unidos e a lutar, com galhardia,
Nenhum revés nos deterá a existência
Honrosa e útil esta Academia,
A sua marcha gloriosa, em evidência!

Falando a todos, em reunião festiva,
Irmanado hoje e pelo tempo afora,
Oferto um verso à nossa gente ativa,
Rogando a Deus que a Academia, agora,
Imite aquela flor, a sempre-viva!...
Gomercindo dos Reis
7-4-1961.

Data : 11/06/2008

Título : Cidade Encantada

Categoria: Poesia

Descrição: escrito nos tempos em que se grafava “attraente”, “circumdada”, “pinheiraes”...

Cidade Encantada

Esta cidade encantada
Fica atraente demais,
Assim toda circundada
De orgulhosos pinheirais.

Foi talvez privilegiada
Pelos seres divinais
Por isso é toda prenda
De belezas naturais.

Sendo afilhada de Deus
Possui um solo fecundo,
Encanto dos olhos meus!

A terra de Passo Fundo,
Orgulho dos filhos seus,
É o paraíso do mundo!.

O título original do poema era Passo Fundo. Trata-se de um poema da juventude do autor, escrito nos tempos em que se grafava “attraente”, “circumdada”, “pinheiraes”... À época usava o pseudônimo Garcindo Dornelles.

Paulo Monteiro (*)

(*) Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

Data : 01/01/1940

Título : Trevas na prefeitura

Categoria: Poesia

Descrição: Na Comuna há mandachuva, Mas outros mandam também,

Trevas na prefeitura

Na Comuna há mandachuva,
Mas outros mandam também,
Como em tareco de viúva,
Como em casa de ninguém.

Qual cego que vai palpando
Numa eterna noite escura,
Vê-se um prefeito tateando
Nas trevas da Prefeitura.

Se a "turma" pedir que fique
E o povo disser que saia,
Hão de ver que esse cacique
Não há de sair sem vaia.

Se por fora há lama e poeira
Que nos magoa e tortura,
Também, há grande sujeira
Por dentro da Prefeitura ...

Data : 01/01/1940

Título : Velho Boqueirão

Categoria: Acrósticos

Descrição: Vendo que a minh alma se afervora Eu brado ao Senhor lá do infinito:

Velho Boqueirão

Vendo que a minh alma se afervora
Eu brado ao Senhor lá do infinito:
Luz e vida que nos deste outrora,
Hoje é glória ao Boqueirão bendito!

O povoado que surgiu na história,
Berço que nasceu da luz da aurora;
O povo já o grava na memória,
Quer amá-lo na existência afora.

Um século de progresso e de glória,
E ainda vê-se aquele povo, agora,
Irmanado e sempre extraordinário!

Relembro os heróis dessa vitória,
A gente, enfim, que ainda revigora
O meu velho Boqueirão lendário.

Data : 01/01/1949

Título : Yara Lucas

Categoria: Poesia

Descrição: À Soberana da Graça, Srta. Yara Lucas, Rainha do Carnaval do Clube Caixeiral e candidata a miss ...

Yara Lucas

À Soberana da Graça, Srta. Yara Lucas, Rainha do Carnaval do Clube Caixeiral e candidata a miss Rio Grande, com muitas possibilidades de vitória.

Essa Rainha que passa,
Com tanta beleza e Graça,
Pelos salões, a cantar,
É uma Rainha divina,
Que os nossos olhos fascina,
Nos encanta e faz sonhar...

Se essa morena atraente,
Deslumbra os olhos da gente
Com a Graça singular,
Em verdade nos encanta,
Tem qualquer coisa de Santa
Na expressão de seu olhar!

Nestas horas de alegria,
Cheias de encanto e Poesia,
Há noites de almo luar;
E a soberana da Graça,
É como a jóia sem jaça,
Tem o dom de fascinar...

Quando ela fala, sorrindo,
A gente fica sentindo
Que há nela um vago cismar...
Na cidade se propala
Que há doçura em sua fala
Que há magia em seu olhar!...

Carnaval de 1949

Poema recolhido por Paulo Monteiro, que diz:

“Sua filha, Nira Worm Reis, permitiu-me acesso a originais autógrafos do poeta, de onde retiro alguns poemas dedicados à terra natal”.

